

A Crítica às Ciências Mecanicistas na Física Especulativa de Hegel

Márcia C. F. Gonçalves*

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar que: 1º. a Filosofia da Natureza de Hegel é uma resposta sistemática ao projeto schellinguiano de uma física especulativa; 2ª. a crítica de Hegel ao mecanicismo moderno fundamenta-se no diagnóstico sobre seu modo abstrato de pensar a natureza; 3ª. o resultado da crítica hegeliana contra o mecanicismo moderno consiste em uma concepção do organismo como superior à mecânica infinita do universo.

Palavras-Chave: Hegel, Natureza, Schelling, Mecanicismo, Organismo

Abstract: The aim of this paper is to demonstrate that: 1. Hegel's Philosophy of Nature is a systematic response to Schelling's project of a speculative physics, 2. Hegel's criticism of modern mechanism is based on the diagnosis of his abstract way of thinking about nature, 3. the result of Hegel's criticism of modern mechanism consists in a conception of the organism as superior to the mechanics of the universe.

Keywords: Hegel, Nature, Schelling, Mechanicism, Organism

O objetivo deste trabalho é explicitar a crítica de Hegel contra o mecanicismo das ciências da natureza modernas fundado no entendimento abstrato. Esta crítica é diretamente influenciada pelo projeto de uma física especulativa desenvolvido pela Filosofia da Natureza de Schelling. Mas esta influência não é apenas positiva. O processo que vai da perspectiva mecanicista, predominante na física moderna, para a perspectiva organicista, defendida pelo jovem Schelling, é descrito por Hegel apenas como um desdobramento processual da manifestação da “Idéia”. Neste sentido, a organicidade da natureza, ao contrário de constituir a totalidade mesma do universo, que poderia ser intuída intelectualmente ou apresentada imediatamente como um pressuposto, é meticulosamente deduzida na Filosofia da Natureza de Hegel a partir de

*Doutora em Filosofia pela Universidade Livre de Berlin (FUBerlin); professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: marciacfgoncalves@gmail.com.

sua concepção sobre a sistematicidade necessária que possibilita e fundamenta o raro fenômeno da vida, cuja idealidade somente o conceito é capaz de alcançar.

Para melhor desenvolver minha tarefa, dividirei este trabalho em três partes correspondentes a três diferentes teses. Na primeira parte mostrarei de modo muito conciso que a filosofia da natureza de Hegel é uma resposta sistemática ao projeto schellinguiano de uma física especulativa. Na segunda parte, pretendo descrever a crítica do velho Hegel ao mecanicismo da ciência moderna como modo mais abstrato de conceber a natureza. Na terceira e última parte pretendo apontar as especificidades da compreensão hegeliana de organismo em sua diferença e proximidade com a concepção organicista de natureza de Schelling.

Parte 1 – A relação de Hegel com a Filosofia da Natureza de Schelling

A *Filosofia da Natureza* de Hegel foi claramente influenciada pelo projeto de uma “física especulativa” desenvolvido pelo jovem Schelling. Contudo, ao contrário de Schelling, que em 1797, com 22 anos, publica sua primeira obra de filosofia da natureza, Hegel aguarda até os 47 anos de idade para publicar um sistema completo de filosofia que inclui uma complexa e extensa obra de filosofia da natureza. Este adiamento consciente para tratar do tema específico da natureza decorre provavelmente da necessidade de marcar sua diferença e independência filosóficas em relação ao amigo Schelling. Neste sentido, a **filosofia da Natureza de Hegel é uma resposta sistemática ao projeto schellinguiano de uma física especulativa.**

Logo no início da introdução do segundo volume de sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, reeditada pela última vez um ano antes de sua morte, Hegel dispara uma pesada munição de críticas irônicas contra o ex-amigo fundador da chamada física especulativa. Ele culpa Schelling e seus “amigos” românticos pelo descrédito alcançado pela filosofia da natureza, transformada em “um instrumento sem conceito” (*begriffloses Instrument*) utilizado por uma “imaginação fantástica” (*phantastische Einbildungskraft*). (Hegel, 1997, pp.11-12)¹ E os adjetivos pejorativos não param por aí: “complexidade barroca e presunçosa” (*ebenso barocken als anmaßenden Getue*), “mistura caótica entre empirismo e formas de pensamento

¹Hegel 1997, pp. 11-12.

incompreensíveis”, “beberagem”, “ausência de método e cientificidade”, “tonteria” ou “vigarice” (*Schwindeleien*)... Enfim não poderia ser pior a imagem traçada aqui por Hegel sobre o jovem filósofo da natureza, cujo sistema ele mesmo defendera em sua primeira publicação de 1801, conhecida como *Differenzschrift*², e com quem dividira entre 1802 e 1803 a edição do *Kritische Journal der Philosophie*. E para marcar de vez a diferença entre seu próprio sistema de filosofia da natureza e o aparentemente incompleto sistema do jovem Schelling, Hegel adverte: “o que aqui vamos desenvolver não é força da imaginação, nem fantasia: é coisa do conceito, da razão.”³

Apesar desta posição crítica, a concepção de natureza de Hegel, assim como a Filosofia da Natureza de Schelling, se funda no projeto comum da construção de uma física especulativa. A influência de Schelling sobre a filosofia da natureza de Hegel é mais nítida nos chamados *esboços de sistema* (*Systementwurfen*) produzidos pelo jovem Hegel entre 1803 e 1806. No primeiro destes esboços⁴, datado de 1803/04, Hegel apresenta pela primeira vez a tese central de sua Filosofia da Natureza apresentada na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: a de que a natureza é “o outro do espírito”⁵. Com esta tese, o jovem Hegel já expressa uma primeira recusa da tese schellinguiana sobre a unidade imediata e originária entre espírito e natureza. Por outro lado, entretanto, ele apresenta neste mesmo fragmento o conceito de espírito como a essência da natureza: “*Im Geist existirt die Natur, als das was ihr Wesen ist*” (Dentro do espírito existe a natureza, como aquilo que é a essência da natureza)⁶. No segundo esboço de sistema, produzido em 1804/5, Hegel expõe com clareza ainda maior a tese fundamental da alienação imediata do espírito na natureza que servirá de base para seu sistema definitivo: a natureza, afirma o jovem Hegel, é “o primeiro momento do espírito que se realiza” (*das erste Moment des sich realisirenden Geistes*), mas como “o espírito absoluto enquanto o outro de si mesmo”⁷.

² Título completo: *Differenz des Fichte'schen und Schelling'schen Systems der Philosophie*. É certo que já nesse primeiro trabalho Hegel critica o dualismo de Schelling presente em seu *Sistema do idealismo transcendental*, como uma estrutura polar formada por dois sistemas paralelos: um da inteligência e um da natureza.

³Hegel 1997, p. 12. No original: “Was wir hier treiben, ist nicht Sache der Einbildungskraft, nicht der Phantasie; es ist Sache des Begriffs, der Vernunft” (*Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*. In: Hegel 1986 a, p. 10.

⁴Ver Hegel 1975.

⁵Cf. Jaeschke 2003, p. 160.

⁶Citado em Jaeschke 2003, p. 161.

⁷Hegel 1971, p. 177f.

Na ocasião da terceira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, a chamada querela acerca da relação entre uma “filosofia da natureza” considerada “metafísica” e a ciência da natureza, protagonizada por Cuvier e Saint-Hilaire, certamente era do conhecimento de Hegel. Como explica Dietrich von Engelhardt, em seu estudo de 1976 intitulado *Hegel und die Chemie*, a polêmica pode ser resumida na oposição entre duas teses: a de que a idéia de unidade é constitutiva da natureza, tal como defendia a física especulativa do jovem Schelling, e a de que esta mesma idéia é apenas regulativa, tal como afirmava a filosofia da natureza “transcendental”. A vitória desta última perspectiva, adotada por Cuvier e seguida por grande parte das ciências da natureza, é, segundo Engelhardt, a grande responsável pela depreciação da imagem da filosofia da natureza especulativa, considerada como uma espécie de irracionalismo romântico⁸. Curiosamente o grande esforço de Hegel por afirmar-se como um filósofo da natureza racional, não foi capaz de impedir que sua própria filosofia da natureza tenha sido alvo das mesmas críticas por parte dos cientistas, para os quais a mais grave falta do filósofo da natureza metafísico ou especulativo seria seu desconhecimento matemático.

Obviamente, a crítica sobre o pouco predomínio da linguagem matemática na filosofia da natureza, não deve ser ingenuamente aceita, sem que se considere sua verdadeira intencionalidade. No que se refere especificamente a Hegel, não se pode falar de um desconhecimento, mas sim de uma opção sistemática. Para compreender melhor este contexto, é interessante considerar que - como mostra Walter Jaeschke em seu *Hegel-Handbuch* - uma das primeiras diferenças entre a concepção de uma filosofia da natureza esboçada por Hegel em Nürnberg entre 1808 e 1811 e aquela manuscrita em Heidelberg em 1817, consiste em que inicialmente sua primeira sessão não se intitulava “mecânica”, mas sim “matemática”, de modo que os conceitos de espaço e tempo conduziam a discussões sobre aritmética, geometria e cálculos integral e diferencial. A substituição, na parte mais imediata e abstrata da filosofia da natureza, da perspectiva matemática pela consideração mecânica da natureza indica, segundo Jaeschke, a decisão de Hegel por apresentar os conceitos de espaço e tempo não mais como formas matemáticas abstratas, mas em sua “realidade”, a qual se concretiza por meio dos

⁸Engelhardt 1976, p. 24.

conceitos de “movimento” e “matéria”⁹. Ainda assim é possível interpretar esta nova organização do sistema de filosofia da natureza como indicação que a concepção mecânica da natureza - expressa por meio da física mecanicista dominante na idade moderna - precisa ser e é necessariamente superada por uma concepção de natureza que a considere como totalidade infinita.

Parte 2 - A crítica de Hegel ao mecanicismo moderno

O que aqui me interessa é menos a luta da ciência por sua emancipação em relação à filosofia da natureza e sua recusa em aceitar o pensamento especulativo como modo de se atingir a verdade, e muito mais o aspecto crítico, implícito na filosofia da natureza de Hegel, contra a visão mecanicista da ciência moderna, que considera a natureza como uma espécie de máquina desprovida de inteligência ou de um sentido interno necessário. Esta visão mecanicista da natureza, ainda que inserida como etapa inicial e portanto também necessária da filosofia da natureza de Hegel é de fato o grande alvo da crítica hegeliana que serve de base para a construção de seu próprio sistema filosófico. **A crítica de Hegel ao mecanicismo moderno se expressa não através da negação pura do mesmo, mas de sua localização como o modo mais abstrato de conceber a natureza.**

No último capítulo de suas *Preleções sobre a História da Filosofia*, dedicado à exposição da chamada Filosofia da Natureza, Hegel faz uma irônica provocação aos físicos de sua época, ao afirmar que eles pensam, mas “não sabem que pensam”¹⁰. Essa ironia fundamenta-se sobre a tese hegeliana de que o pensamento humano se desenvolve em determinados níveis, que vão do modo mais abstrato - e, conseqüentemente, menos verdadeiro - ao modo mais concreto - capaz de compreender a realidade em toda a sua complexidade. A falta de autoconsciência sobre o próprio poder de conceber pensamentos já de nível racional por parte do cientista moderno, acusada por Hegel, pode ser compreendida a partir da pretensão de manter-se nos limites seguros do entendimento, ao qual, como pregara a “doutrina exotérica de Kant”, não é permitido “saltar a experiência”¹¹ - início fundamental de todo o conhecimento

⁹ Cf. Jaeschke 2003, p. 208.

¹⁰ No original: “Die Physiker wissen nicht, daß sie denken, wie jener Engländer Freude empfand, daß er Prosa sprechen konnte”. (Hegel 1986, vol 20, p. 426).

¹¹ Cf. Hegel 1999, p. 5.

científico. Esta precaução, misturada com a recusa de qualquer conteúdo metafísico, ao contrário de elevar a ciência moderna ao patamar da verdadeira cientificidade, a reduziu à fixação em conceitos puramente abstratos, chamados por Hegel de “representações” (*Vorstellungen*). O uso privilegiado da representação por parte da ciência da natureza moderna a aproxima da maneira abstrata com que a religião apresenta seus conteúdos. Somente por esse inicial nivelamento, seria possível deduzir que a crítica de Hegel ao pensamento científico e filosófico modernos diz respeito ao seu diagnóstico de uma tendência à fixação de determinadas verdades, a ponto destas se parecerem com dogmas religiosos. A crítica de Hegel, contudo, não é tão simples, nem tão reducionista assim. Quando Hegel critica a física na passagem de sua *História da Filosofia* anteriormente citada, ele deixa mais ou menos claro que sua referência ao pensamento abstrato se volta ora contra um modo unilateralmente empirista adotado pelos cientistas modernos, ora contra um modo unilateralmente matematizante de descrever os fenômenos naturais. Segundo ele, o pensamento concreto sobre a natureza deve obviamente considerar a experiência, mas esta deve superar o modo puramente exterior, fundado apenas nos sentidos, para mostrar-se como um aspecto do pensamento concreto, capaz de nortear o verdadeiro conceito:

Os pensamentos na física são apenas formais pensamentos do entendimento. O conteúdo mais próximo, a matéria não pode ser determinada por meio dos próprios pensamentos, ela precisa, ao contrário, ser considerada a partir da experiência. Apenas o pensamento concreto contém a sua determinação e o seu conteúdo dentro de si, apenas o modo exterior do aparecer pertence aos sentidos¹².

O próprio conceito mecânico de “corpo” é considerado como representação, assim como as fórmulas matemáticas e suas relações aplicadas na mecânica para explicar o seu movimento. Apenas com a compreensão do movimento dos planetas, especialmente a partir das descobertas de Kepler, Hegel reconhece uma mudança fundamental na física e conseqüentemente no próprio conceito de corpo, que, agora tomado como um “corpo universal”, aproxima-se de forma inegável dos conceitos próprios da filosofia ou da metafísica. Se essa aproximação permite, por um lado, que Hegel denomine a cosmologia de Newton e Kepler de mecânica absoluta, por outro

¹² No original: “Die Gedanken in der Physik sind nur formelle Verstandesgedanken; der nähere Inhalt, Stoff kann nicht durch den Gedanken selbst bestimmt werden, sondern muß aus der Erfahrung genommen werden. Nur der konkrete Gedanke enthält seine Bestimmung, Inhalt in sich; nur die äußerliche Weise des Erscheinens gehört den Sinnen an” (Hegel 1986, vol. 20, p. 426).

lado, ele ainda se pergunta, em sua expectativa crítica de um filósofo que desejaria ver na ciência a superação definitiva da abstração da representação:

Quando será [enfim, que] a ciência chegará a conseguir uma consciência sobre as categorias metafísicas de que necessita e a colocar no fundamento em lugar delas o [próprio] conceito da coisa!¹³

O grande mérito da teoria da física sobre as leis universais do movimento, em especial aquelas que tratam da força de atração e do magnetismo, está, segundo Hegel, na superação da chamada mecânica finita, cujas representações, embora já apresentadas em relações recíprocas, como no caso das forças de atração e repulsão, permaneciam ainda em um sistema insuficientemente dinâmico. Quando finalmente Hegel apresenta o que ele denomina não mais de mecânica, mas de física, e começa a descrever os fenômenos que nitidamente contém relações mais dinâmicas, como os fenômenos da luz, do calor e do som, curiosamente, ele incorpora em suas descrições alguns processos que foram desenvolvidos e concebido no âmbito da ciência da química, em uma nítida tendência para compreender a ciência em sua forma menos abstrata como um modo de saber que conecta diferentes dimensões da concepção da natureza.

Enquanto Schelling constrói sua física especulativa com base em sua teoria sobre as dimensões da matéria, estabelecendo um desenvolvimento dinâmico e progressivo das formas da natureza, e baseada em uma dinâmica dialética de caráter dicotômica e opositiva, Hegel descreve esses e outros processos da natureza através de uma relação dialética de caráter contraditória. Um bom exemplo dessa diferença está na descrição de ambos os filósofos sobre a relação entre os fenômenos da luz e da gravidade. Para Schelling, essa relação se dá fundamentalmente no nível do dinamismo orgânico, na medida em que a luz incide na matéria, alimentando seu jogo primordial de forças opostas, responsável pela geração, não só da vida em sua especificidade, mas da organização que abrange também a matéria dita inorgânica. Para Hegel, em sua relação dinâmica com a gravidade, a luz (emitida pelo sol, que é fonte de toda a vida de nosso planeta), se revela necessariamente e contraditoriamente como obscuridade, pois que a gravidade se caracteriza não apenas como uma relação entre o sol e os demais corpos celestes (especialmente o nosso planeta), mas se constitui como força primordial presente no fundo obscuro de toda matéria.

¹³Hegel 1997, p. 95.

As formas com que Schelling e Hegel transitam através de análises de fenômenos como o magnetismo, a eletricidade, o quimismo e o desenvolvimento da vida têm a intenção comum de afirmar uma inexorável conexão destes vários processos, a partir da ideia de uma ordem fundamental da natureza. Esta ordem ou organização pode ser compreendida desde sempre através do conceito de ideia. Obviamente, o filósofo da natureza compreenderá esta organização da natureza de modo muito mais radical do que o filósofo do espírito, para quem a razão será sempre efetivada no nível superior de uma autoconsciência espiritual.

Em um momento mais avançado de sua exposição de uma filosofia da natureza, Hegel quer colocar em prática o projeto schellinguiano de unificação do magnetismo, da eletricidade e do quimismo, como modo unicamente adequado para pensar o que realmente importa: o fenômeno da vida. A seção final da filosofia da natureza de Hegel trata do que ele denomina de “física orgânica”, talvez por falta de uma melhor designação. Neste capítulo, Hegel percorrerá os três clássicos reinos dos modos de existência na face da terra: o mineral, o vegetal e o animal. Como se pode prever, estas suas descrições estão longe de cair em lugares comuns, pois esse último momento da concepção filosófica da natureza é exatamente destinado à ousadia de criar conexões como raramente as ciências tradicionais da natureza ousavam tentar.

Parte 3 – A organicidade da vida segundo Hegel

Assim como Schelling, Hegel considera o universo como uma totalidade organizada segundo princípios essencialmente racional, em especial, segundo o duplo princípio do jogo de forças dialeticamente opostas. Contudo, ao contrário de Schelling, Hegel não adota a concepção vitalista de uma alma do mundo, de modo a denominar esta ordem universal, que rege, por exemplo, o movimento dos corpos celestes, de “organismo”. Ao contrário, Hegel considera esta ordem cósmica ainda como um mecanismo, ou, mas especificamente, como a “mecânica infinita”.

O conceito hegeliano de organismo é então reservado para o fenômeno da vida. Em cada um dos diferentes níveis de manifestação da ideia de vida apresentados por Hegel na última parte de sua filosofia da natureza nota-se, de forma explícita, como o modo da ciência de trabalhar preferencialmente com representações vai dando lugar à manifestação do próprio conceito. No capítulo sobre a natureza vegetal, Hegel faz

referência direta ao ensaio de Goethe de 1790 intitulado *A Metamorfose das Plantas*, justificando inclusive a indiferença dos botânicos contemporâneos em relação a esta obra, pelo fato de constituir uma teoria “sobre o todo” e não um tratado sobre diferentes partes da natureza vegetal, como era a praxe científica adotada na época, fundada no método da análise, na forma de pensar do entendimento e no modo de expressão da representação:

Mas o interesse em Goethe vai na linha de mostrar como todas estas diferentes partes da planta são uma vida fundamental permanecendo em si fechada, e todas as formas permanecem apenas transformações exteriores de uma [só] e mesma essência fundamental, não só na ideia mas também na existência – cada membro por isso pode muito facilmente transformar-se no outro; um fugidio sopro espiritual das formas que não chega à diferença qualitativa fundamental, mas é apenas uma metamorfose ideal no material da planta.¹⁴

Goethe, assim como Schelling, permanecem sendo para Hegel os parâmetros iniciais para a apresentação de uma física especulativa, uma ciência da natureza cujo modo de articulação entre as varias compreensões dos fenômenos da natureza resulte em uma concepção total da natureza. Mas é na descrição dos sistemas presentes no organismo animal, tais como o nervoso, o sanguíneo e o digestivo, que Hegel elabora de modo ainda mais explícito sua concepção de natureza como uma totalidade de sistemas. Esses sistemas orgânicos, descobertos em seus detalhes pela medicina e fisiologia modernas, possibilitam ao filósofo da natureza realizar as últimas conexões conceituais possíveis neste âmbito do saber. A descoberta científica desses sistemas possibilitou o surgimento de uma física verdadeiramente especulativa, fundada no pensamento conceitual essencialmente dinâmico. A partir desta concepção, os processos que o organismo realiza para a manutenção de sua vida, são concebidos como estando intimamente conectados aos processos químicos existentes no nível das sínteses inorgânicas, aos ciclos que envolvem os mecanismos absolutos da gravidade e da luz, aos processos da eletricidade e do magnetismo, aos fenômenos do calor e do som. Todos essas conexões pensadas e concebidas por uma filosofia da natureza de cunho essencialmente especulativa parte do pressuposto de que a natureza é em si uma totalidade sistemática movida por um princípio imanente, um princípio racional, ainda que inconsciente. Apenas a filosofia, em seu gesto ao mesmo tempo idealista e materialista, típico da física especulativa fundada por Schelling e adotada também por

¹⁴G.W.F. Hegel 1997, p. 403-404.

Hegel, poderia ser capaz de apresentar essa ideia da natureza, uma ideia que se mostra ao mesmo tempo real e concreta, dinâmica e viva. pois:

A vida só pode (...) ser apreendida especulativamente, (...) na vida exatamente existe o especulativo. O agir continuado da vida é assim o idealismo absoluto.¹⁵

A intenção de Hegel no fim de sua Filosofia da Natureza, assim como no início de sua Filosofia do Espírito, expostas ambas no sistema da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* é mostrar como o fenômeno natural do organismo é fundamental para a existência do espírito, não só por que este se manifesta originariamente na existência humana, que por sua vez ocorre como último momento do desenvolvimento da vida animal, mas também porque a racionalidade que começa a se expressar como idealidade da vida tende necessariamente também a desenvolver-se de modo a tornar necessário o surgimento de um ser consciente.

A diferença entre a tese “evolucionária” de Schelling sobre a necessidade da passagem da inteligência inconsciente para a inteligência consciente, se difere apenas em parte da tese hegeliana da superação da alienação do espírito na natureza através do surgimento do ser espiritual no interior mesmo da natureza. Esta diferença se constata através do modo essencialmente distinto com que Hegel concebe o processo de desenvolvimento da própria natureza, segundo o qual o surgimento do espírito ocorre como um importante salto qualitativo em relação aos ciclos de desenvolvimentos naturais marcados ainda por círculos infinitamente repetitivos, tais como o ciclo da planta, que começa com a semente, se desenvolve em árvore, que gera a flor, o fruto e retorna à semente. Por ser essencialmente histórico, o desenvolvimento do espírito rompe com a circularidade repetitiva da natureza, tornando-se assim capaz de criar modos inovadores de cultura.

Se compararmos mais uma vez a filosofia da natureza de Hegel com a do jovem Schelling, podemos constatar que a diferença fundamental é que Schelling admite em um determinado momento - como modo de resolver um importante paradoxo na ideia de evolução - a presença da história na natureza, ou - em outras palavras - de uma racionalidade que, embora inconsciente, adormecida ou “petrificada” (como gostava de citar Hegel¹⁶) é movida não por um mecanismo sem vida, mas por uma idealidade

¹⁵G.W.F. Hegel 1997, p. 353.

¹⁶Hegel 1995, p. 78. No original: “Wir müßten demnach von der Natur als dem Systeme des bewußtlosen Gedankens reden, als von einer Intelligenz, die, wie Schelling sagt, eine versteinerte sei” (In: Hegel 1986,

divina, por um fluxo produtivo infinito, que se estende desde os seres aparentemente sem vida até os processos mais complexos do espírito. Natureza e espírito são na filosofia do jovem Schelling unificados e indiferentes.

Enquanto Hegel entende a superioridade do espírito como modo de garantir a exclusividade do conceito de liberdade à esfera espiritual humana, Schelling, em seu projeto naturalista faz questão de afirmar a liberdade no interior da própria natureza a partir do reconhecimento de que seu processo de desenvolvimento constitui uma auto-organização. Para Hegel apenas o organismo vivo busca auto-organizar-se e auto-sustentar-se por meio de seus processos específicos de inter-relação com o outro, que se desdobra nos processos de nutrição e reprodução. Para Hegel, a **organicidade da vida que prepara para a existência do espírito é superior à ordem infinita do universo**. Mas os processos orgânicos ainda se limitam à circularidade má-infinita da natureza, às carências próprias dos seres finitos naturais. Apenas na existência espiritual, alcançada pelo ser autoconsciente, esse tipo de limitação pode ser finalmente suspensa, não por uma espécie de mágica transformação do ser humano em ser infinito, tampouco porque Hegel acreditava na presença no ser humano de uma “alma imortal”, como Platão. A infinitude do espírito se funda apenas e acima de tudo em sua capacidade de suspender os limites do espaço e do tempo e principalmente os limites da particularidade subjetiva, para afirmar-se como a universalidade concreta do próprio gênero humano. Não em função de sua mera generalidade biológica ou natural, capaz de sobreviver e transpassar a finitude das múltiplas singularidades, mas sim porque o ser humano em geral produz história, cultura, ciência e pensamento vivo.

Neste mesmo sentido a filosofia da natureza de Hegel busca menos explicar os processos da natureza em seu desenvolvimento natural - como se o conceito de natureza pudesse desenvolver-se por si mesmo ao longo da história da própria natureza, auto-movendo-se e auto-organizando-se, como pensava Schelling - e mais descrever como o espírito humano concebe a natureza. Neste sentido, como sempre ocorre em seu sistema, a concepção de natureza é descrita a partir de seu modo mais abstrato até atingir seu nível mais concreto ou de maior complexidade. A concepção filosófica ou científica sobre a vida é de fato o modo mais desenvolvido de se compreender a totalidade mesma da natureza, não apenas porque o organismo constitui um salto

vol. 8, p. 81).

inegável em relação aos demais processos da natureza que envolvem apenas os seres inorgânicos, com seu movimento aparentemente exterior, mas acima de tudo porque compreender e desvendar os mistérios da vida prepara o espírito humano para compreender o mistério de sua própria existência.

Referências Bibliográficas:

- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: 1830*. Vol. I: A Ciência da Lógica. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: 1830*. Vol. II: A Filosofia da Natureza. Trad. José Machado. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften, I: Wissenschaft der Logik*. In: *Werke [in 20 Bänden]*, Band 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- _____. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften, II: Naturphilosophie*. In: *Werke [in 20 Bänden]*, Band 9. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- _____. *Jenaer Systementwürfe I (Das System der spekulativen Philosophie – Fragmente aus Vorlesungsmanuskripten zur Philosophie der Natur und des Geistes)*. In: *Gesammelte Werke*, Band 6. Hamburg: Felix Meiner, 1986.
- _____. *Jenaer Systementwürfe II (Logik, Metaphysik, Naturphilosophie)*. In: *Gesammelte Werke*, Band 7. Hamburg: Felix Meiner, 1982.
- _____. *Jenaer Systementwürfe III (Naturphilosophie und Philosophie des Geistes)*. In: *Gesammelte Werke*, Band 8. Hamburg: Felix Meiner, 1986.
- _____. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III. In: *Hegels Werke [in 20 Bänden]*, vol. 20. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- _____. *Wissenschaft der Logik*, I. In: *Hauptwerke in sechs Bänden*. Band 3. Hamburg: Felix Meiner, 1999.
- ENGELHARDT, Dietrich von. *Hegel und die Chemie. Studien zur Philosophie und Wissenschaft der Natur um 1800*, Guido Pressler Verlag: Wiesbaden, 1976.
- JAESCHKE, Walter. *Hegel-Handbuch. Leben-Werk- Schule*. Stuttgart, Weimar: Verlag J.B. Metzler, 2003.

Artigo recebido em junho de 2010
Artigo aceito para publicação em agosto de 2010